Favor não sentar: a Cadeira de Le Corbusier e Márcia X. no acervo do MAM/RJ

Vivian Horta[1]
DOI 10.20396/eha.vi14.3393

Márcia X.: vestígios

Márcia Pinheiro de Oliveira (1959-2005), conhecida posteriormente como Márcia X. Pinheiro e, finalmente, Márcia X. foi uma artista brasileira, cuja carreira iniciou-se na década de 1980. Algumas de suas obras mais conhecidas e polêmicas são performances, como "Chuva de Dinheiro" (1983) e "Pancake" (2001) - esta última exibida na Bienal do Mercosul. Márcia utilizava, em sua obra, uma mistura de temas por vezes antagônicos, como sexualidade, infância e religiosidade, frequentemente chocando o público. Em uma destas ocasiões, sua obra, "Desenhando com terços" (2000-2003), na qual utilizava terços brancos para desenhar formas fálicas, foi retirada da exposição "Erótica", em cartaz no ano de 2006, já após a morte da artista, no Centro Cultural do Banco do Brasil.

Márcia X. possuía o hábito de manter em exposição vestígios de sua performance, como se em uma tentativa de suplantar sua efemeridade no tempo. Da mesma forma, produzia textos com instruções de cada obra, listando, inclusive, os materiais utilizados e suas quantidades, assim como o que seria feito ao final da exposição. Era também responsável por textos críticos a respeito de sua própria produção e escrevia eventualmente cartas aos jornais, manifestando sua opinião sobre notícias a respeito de polêmicas envolvendo seu trabalho.

No ano de 2013, oito após seu falecimento, todo o acervo da artista pertencente à família é doado ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que inaugura a exposição retrospectiva "Arquivo X". Paralelamente, é lançado o livro "Encontros X", onde constam conversas entre curadores, artistas e amigos de Márcia, que buscam trazer à tona memórias a respeito de sua produção e pensamento.

Na documentação presente no Setor de Museologia do MAM/RJ, há textos que acompanham cada obra, que integram uma espécie de dossiê, produzido por uma equipe de museólogas

---

1 Doutoranda em Artes Visuais, linha História e Crítica da Arte, pelo PPGAV/EBA/UFRJ e Mestre pelo mesmo programa. Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

contratadas previamente à doação da coleção à instituição. Esta foi uma condição imposta para o Museu para absorver a enorme coleção de obras da artista em seu acervo. Tais textos contém muitas informações derivadas de uma série de reuniões e jantares (documentados em publicação já citada acima), levando ou não em conta a opinião da própria artista sobre sua produção e apoiando-se majoritariamente na opinião de seu marido, Ricardo Ventura.

"A Cadeira Careca" no Palácio Gustavo Capanema, RJ

Alguns vestígios de obras de Márcia puderam ser vistos em exibição na exposição "Alucinações à beira-mar" (25 nov. 2017 - longa duração) e "Constelações: o retrato nas coleções MAM" (10 nov. 2018 - 12 mai. 2019), ambas com curadoria de Fernando Cocchiarale e Fernanda Lopes. "A Cadeira Careca" (2004 - **imagem01, imagem02, imagem03**), última performance produzida por Márcia X., integrava esta última. Seu vestígio (a cadeira) acompanhava registros (vídeos e fotos).

Por ocasião da exposição "Arquivo X" (2013), a primeira vez em que as obras de Márcia foram expostas como parte integrante do acervo do MAM/RJ, Audrey Furlaneto afirma que

> "[...] seu último marido, o artista Ricardo Ventura, cuidava da organização da grande quantidade de material deixado por ela.
> Márcia documentava cada uma das obras: guardava seus registros em caprichados álbuns, etiquetados com informações sobre os trabalhos, e até criava livros-obras com colagens."[2]

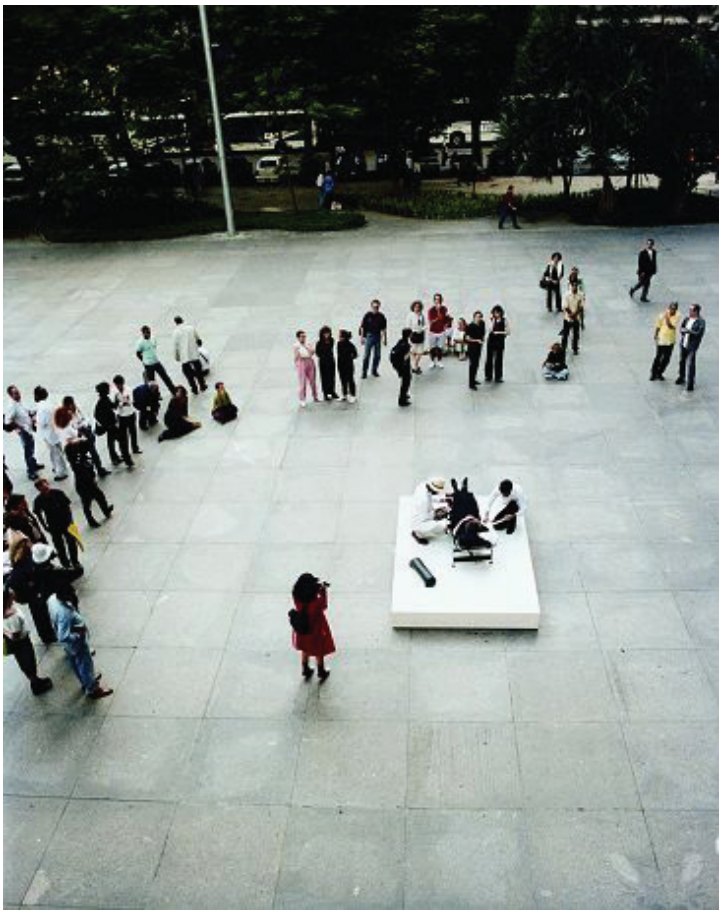
Em visita ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAM/RJ[3], constatamos a procedência de tal informação, uma vez que é possível encontrar, entre o material referente à obra em questão - parte da doação oferecida ao Museu pela família de Márcia - itens que vão desde orçamentos da cadeira utilizada na performance até manuscritos onde a artista traça relações entre Le Corbusier, a *Chaise Longue Model Nr. B 306* e o Palácio Gustavo Capanema, passando por matérias de internet a respeito do edifício e uma declaração de ausência de vínculo com órgão público, necessária à participação no projeto promovido pela Fundação Nacional das Artes (Funarte). É possível tomar contato com a obra através de texto da própria Márcia:

2 FURLANETO, 2013.

3 Realizada em 17/05/2019, com acompanhamento da pesquisadora responsável Aline Siqueira. Foram acessadas uma pasta específica com material referente à obra "A Cadeira Careca"; uma pasta contendo clippings impressos, em sua maioria retirados de jornais, referentes ao período de 2000-2005 e uma pasta contendo impressões de material publicado online referente à obra da artista.

[Figura 01] Márcia X. e Ricardo Ventura. *A Cadeira Careca*. 2004.
Fotografia: Adelmo Lapa.

[Figura 02] Márcia X., Ricardo Ventura e Aimberê César. *A Cadeira Careca*. 2004.
Fotografia: Adelmo Lapa.



[Figura 03] Márcia X., Ricardo Ventura e Aimberê César. *A Cadeira Careca*. 2004.
Fotografia: Adelmo Lapa.

[Figura 04] Meret Oppenheimer. *Le Dejéuner en Fourrure*. 1936.

> "'O Palácio Gustavo Capanema foi projetado a partir de concepções de e com consultoria do arquiteto e artista plástico Le Corbusier.
> [...]
> Para homenagear Le Corbusier, Márcia X. e Ricardo Ventura apresentarão nos pilotis do Palácio Gustavo Capanema a performance A cadeira Careca/Le Chaise Chauve, quando irão raspar todo o pêlo de um exemplar da famosa 'Chaise Longue Model Nr. B 306', criada por Le Corbusier em 1928."[4]

Enquanto traça uma relação entre a "cadeira" e o edifício, objetos da permanência do pensamento e obra de Le Corbusier através do tempo, a artista faz alusão intencional à obra de Meret Oppenheimer, "Le Déjeuner en Fourrure" (1936 - **imagem04**), "um dos mais destacados emblemas do Surrealismo"[5] e inverte, de maneira surrealista, a função do "barbeiro" - representado por Ricardo Ventura - que, enquanto permanece deitada, raspa os pêlos da cadeira à sua volta.

Lauro Cavalcanti, em texto posterior ao falecimento da artista, analisa aspectos da obra sob o simbólico título "A Cadeira Careca/La Chaise Chauve ou A artista estava de negro"[6]. Cita que, enquanto Márcia vestia-se completamente na cor preta, seu marido, Ricardo, portava um jaleco na cor "branco hospitalar". Aos 45 anos, a artista passava por longo tratamento para um câncer no pulmão. A obra foi apresentada nos pilotis do Palácio Gustavo Capanema, no Centro do Rio de Janeiro, em novembro de 2004. O falecimento de Márcia X. ocorre em fevereiro de 2005.

Em reportagem publicada no Jornal do Brasil (JB), em 4 de fevereiro de 2005, dois dias após sua morte, há a observação de que "Ao fim da ação, o corpo da artista ficava gravado sobre a superfície mantida intacta"[7]. Cavalcanti aprofunda a ação afirmando que

> "[...] Ricardo inscreveu o corpo da artista em um ícone da modernidade. Todos sabiam e tudo se sabia. Luto da onipotência do progresso salvador e ritual da inscrição de uma trajetória. Experiência ambiguamente estética e amorosa, conduzida com precisão cirúrgica: a um só tempo, celebração da permanência das idéias e da impermanência de pessoas e objetos."[8]

Com a ausência de Márcia X., "A Cadeira Careca" torna-se obra emblemática de sua produção, sendo citada em praticamente todas as matérias publicadas na imprensa a respeito de seu prematuro falecimento. Quando o JB publica a notícia, as primeiras linhas tratam da obra:

4 X., 2004.
5 X., 2004.
6 CAVALCANTI, 2005.
7 MARIA, 2005.
8 CAVALCANTI, 2005.

> "Na manhã de ontem, uma cadeira Le Corbusier, em couro de vaca preto-e-branco, foi tirada da reserva da Funarte, no Centro do Rio, e levada para a sala de exposição. A peça - um clássico do design moderno - foi alvo da última performance da artista Márcia X, A cadeira careca, no evento Infiltração nos pilotis, parte da edição dos Projéteis Contemporâneos da Funarte, em novembro passado. O resgate da obra efêmera, acompanhada do registro fotográfico feito durante sua realização, é uma homenagem da fundação à artista que morreu quarta-feira no Rio, aos 45 anos de idade."[9]

"A Cadeira Careca" torna-se, talvez não por acaso, o retrato recorrente de Márcia X. nos obituários publicados em todo o Brasil durante o mês de fevereiro de 2005.

"A Cadeira Careca" no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Diante das informações apresentadas, é justificada a presença da obra em questão na exposição "Constelações: o retrato nas coleções MAM" (2018-2019). Como podemos notar na imagem (**imagem05**), na ocasião, optou-se por expor a obra da artista da seguinte forma: a *chaise longue* original utilizada pela artista durante a performance, em 2004, sobre um tablado de madeira branca; seis fotos da performance (Adelmo Lapa) e um vídeo de cerca de 9 minutos (Ana Lúcia Milhomens) da apresentação da obra, durante o Projeto Infiltração (promovido pela Funarte no Palácio da Cultura Gustavo Capanema, no Centro do Rio).

A passagem entre a performance viva de Márcia X. e sua exposição na sala de um museu, nos possibilita refletir a respeito das rupturas criadas no imaginário e na visualidade quando uma obra de arte efêmera torna-se apenas seu vestígio, através do que Rosalind Krauss escreve quando analisa o estranhamento causado pelas "Bonecas"[10], de Hans Bellmer:

> "Na manipulação deste ciclo por Bellmer, tudo está arranjado para produzir a experiência de espaço imaginário do sonho, da fantasia, da projeção. [...] embora a encenação esteja perfeita, nunca se pode enxergá-la nitidamente, tudo isto se combina para criar ao mesmo tempo a aura e a frustração que fazem parte da dimensão visual do imaginário."[11]

9 MARIA, 2005.

10 Nos anos de 1930, o artista alemão Hans Bellmer cria e fotografa uma série de bonecas com partes articuladas que podiam ser desmembradas e reagrupadas de diversas maneiras. Seu trabalho torna-se conhecido com a publicação, na revista francesa *Minotaure*, de um conjunto de fotos sob o título "Variações sobre a montagem de uma menina desarticulada"

11 KRAUSS, 2002: 196.

[Figura 05] Márcia X. *A Cadeira Careca*. 2004. Exposição "Constelações: o retrato nas coleções MAM" (MAM/RJ, 2018-2019) Fotografia: Acervo pessoal.

Quando observamos os itens registrados sob o título "A Cadeira Careca" exibidos no MAM/RJ, o que está ali não se parece com a obra descrita por Lauro Cavalcanti em 2005. Donald Preziosi refere-se ao caráter de uma obra no museu como simultaneamente "referencial" e "diferencial", no sentido de que sua presença denota em si mesma sua incompletude[12]. Mesmo que acompanhada por fotografias e por um vídeo de quase dez minutos, muito do que está investido na *Chaise Longue Model Nr. B 306* não está exposto. Luiz Camillo Osório colocou a questão do que se cataloga e registra como obra, durante os encontros promovidos para discutir a obra de Márcia X. e sua entrada no MAM/RJ:

> "[...] o que eu acho interessante, que é um pouco o que eu estou tentando escrever para o livro, é o fato desse trabalho da Márcia ir para o museu, obrigar o museu a repensar suas formas de preservação/conservação de um trabalho, de exposição desse trabalho, o que é elemento documental, o que é elemento instalativo - porque acho que também tem muito essa ambiguidade, ela mesma diz que o trabalho fica e depois a instalação se mantém. Então o que se guarda é o elemento da instalação que era do original [...]"[13]

12 PREZIOSI, 2003: 412.
13 SÁ; LEMOS; MILFONT, 2013: 39.

Márcia tinha por hábito apresentar performances em locais de exposição que, posteriormente, abrigavam os vestígios produzidos pelas obras. Este foi o caso em obras como "Desenhando com terços" (2000-2003), "Pancake" (2001) e "Alviceleste" (2003). Não por acaso, utilizou para todas a categoria "Performance/Instalação". Sobre esta última, a artista escreve: "A instalação resultante da performance permanece em instalação, modificando-se sutilmente com o correr dos dias em decorrência do processo de secagem da tinta"[14]. Não foi o caso para "A Cadeira Careca", embora, posteriormente, o termo "Instalação" tenha sido integrado ao material entregue ao MAM/RJ.

Ao acessarmos o conteúdo deste dossiê[15], que acompanhou a obra em seu processo de aquisição, algumas informações essenciais ao nosso estudo são reveladas.

"O que deve e como deve ser apresentado?

> A cadeira e os utensílios (peças de amolar; espanador de cabelo, pá pequena de alumínio; navalhas brancas) devem ser expostos diretamente no chão. Os utensílios são agrupados no chão ao lado da cadeira.
> As fotos do arquivo tem (sic) recomendação da artista para que sejam impressas similarmente a como eram impressas em seu portfólio pessoal. Revelação em papel fotográfico, tamanho mínimo de 21 x 26 cm e máximo de 21 x 30cm.
> As roupas preferencialmente devem ser expostas apenas em conjunto, quando diferentes trabalhos são expostos juntos. As roupas em conjunto podem ser expostas em uma arara."[16]

A obra "A Cadeira Careca" foi exposta em, ao menos, 4 ocasiões, além de sua apresentação original, em 2004: na retrospectiva "Márcia X. Revista" (Paço Imperial, 2006); na retrospectiva "Arquivo X" (2013), na exposição "Em Polvorosa" (2017) e na exposição "Constelações: o retrato nas coleções MAM" (2018-2019), as últimas três no MAM/RJ. Não há, na ficha produzida anteriormente ao ingresso da obra no acervo do Museu, nenhuma informação sobre sua passagem pelo acervo ou exposição na Funarte, citada anteriormente, em reportagem do JB[17].

14 X., 2003.
15 Tendo em vista que não há denominação institucional para este material, para efeito deste texto, optamos por nos referir como "dossiê" ao material entregue ao Setor de Museologia do MAM/RJ em conjunto com cada uma das obras de Márcia X. doadas ao Museu. Neste caso, constitui-se por três páginas, onde podemos encontrar: descrição da obra pela artista e descrição do material que a integra; instruções a respeito do que pode ou não ser exposto e descrição da forma de apresentação da obra, incluindo suas partes (itens menores que acompanham a cadeira).
16 MUSEU, 2012: 6.
17 MARIA, 2005.

É interessante notar que, em nenhuma destas ocasiões, objetos como pá, pincel, amolador e navalha foram expostos em conjunto com a chaise longue, presente em todas as oportunidades. Em "Constelações: o retrato nas coleções MAM" (2018-2019), constava em sua descrição "pá, trincha, chaise longue, amolador e navalha", reproduzindo de certa forma a informação constante na ficha de catalogação.

Em um primeiro momento, é possível depreender que o fato de a informação completa da ficha catalográfica constar na legenda da obra exposta poderia dever-se ao fato de a obra ser entendida pela instituição como abrangendo todos os objetos utilizados na performance, mesmo que não expostos por questões de segurança do visitante (especialmente no caso da navalha) ou do próprio acervo (por tratar-se de objetos de dimensões reduzidas). Quando abordada a respeito desta questão, a museóloga da instituição, Cátia Louredo, mostrou-se de certa forma surpresa. A seu ver, apenas o que está de fato exposto deveria constar na legenda expositiva.

Posteriormente à entrevista, constatamos que, na exposição "Em polvorosa" (MAM/RJ, 2017), a legenda da obra apresentava em sua descrição, abaixo do título, apenas "chaise longue utilizada na performance". Portanto, nota-se que a instituição não entende a legenda como necessariamente portadora de informação sobre todas as partes constituintes da obra, mesmo que não expostas.

Ainda, segundo Louredo[18], a cadeira e todos os objetos utilizados na performance original, possuem instrução para serem expostos diretamente no chão. Durante "Em polvorosa", a obra foi exposta diretamente no chão, o que não aconteceu mais recentemente em "Constelações: o retrato nas coleções MAM" e, curiosamente, também durante a apresentação original da obra, na qual a cadeira ficou igualmente apoiada sobre um tablado branco.

Neste sentido, retornando ao material do dossiê, encontra-se um formulário padrão para todas as obras, onde as mesmas quatro perguntas se repetem. Este conteúdo ajuda a esclarecer algumas questões acerca da exposição desta obra. Reproduzimos, abaixo, o formulário para "A Cadeira Careca"[19]:

18 Informação oral, concedida durante visita ao Setor de Museologia do MAM/RJ, em 24/05/2019.
19 MUSEU, 2012: 5.

Apresentar instalação e vídeo juntos:
( ) Obrigatório
(X) Preferencial
( ) Opcional

Possível apresentar apenas vídeo (sem instalação):
(X) Sim
( ) Não

Possível apresentar apenas instalação (sem vídeo):
(X) Sim
( ) Não

Apresentar pastas com arquivos:
( ) Obrigatório
(X) Preferencial
( ) Opcional
( ) Não permitido

Formulário para exposição da obra "A Cadeira Careca", de Márcia X. – Acervo MAM/RJ

Quando confrontamos este dossiê com o formato mais recente como a obra foi exposta, e inclusive com todas as exposições anteriores das quais temos conhecimento, notamos a ausência de uma "pasta com arquivos" (cuja exposição é colocada como "preferencial" neste formulário) ou algo de conteúdo semelhante, em todas as suas apresentações. O único item de arquivo recorrentemente exposto em conjunto com "A Cadeira Careca" são reproduções das fotografias originais, item que não nos parece contemplar a recomendação.

Arianne Vanrell Vellosillo, restauradora do Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri e Coordenadora do grupo espanhol do projeto europeu *Inside Installations*[20] entre 2002 e 2007 afirma, em seu texto "Projetos para desenvolver a participação do artista e entender e preservar a sua mensagem, experiências e resultados" (2015) que

> "Um dos desafios mais interessantes na conservação da arte contemporânea é a colaboração com artistas para articular e documentar quais são as prioridades de suas propostas,

20 Projeto criado no final de 2002 dentro do INCCA (Internacional Network for the Conservation of Contemporary Art) com o objetivo de "propor novas estratégias de preservação e apresentação de coleções de instalações de arte" (VELLOSILLO, 2015: 113). O projeto contou com mais de 50 profissionais e 25 instituições, desenvolvendo pesquisas sobre 33 instalações.

> com o objetivo de compreender seus argumentos, respeitar suas propostas e garantir a preservação do significado de seu trabalho. O objetivo desta informação é produzir novos conhecimentos, o que se reflete no sentido original da palavra *documento*, que vem do latim *docere* e significa mostrar informar, instruir, ensinar."[21]

À época da incorporação da coleção de Márcia ao acervo do Museu, Luiz Camillo Osório refletia acerca das relações entre as obras e a documentação doada, no contexto das exposições:

> "Acho que o trabalho que ainda segue produzindo uma dimensão performática do próprio museu, que tem que reperformatizar, no sentido do que guarda, como guarda, o que é documento, o que é obra, como se expõe isso, o que deve ser visto, o que não precisa, o que é para ficar guardado para ser pesquisado para o futuro, reencenado. Acho que isso é muito rico, é um processo..."[22]

Diante da qualidade do acervo documental legado ao MAM/RJ e das múltiplas possibilidades de exposição permitidos especialmente graças ao esforço de documentação da artista, cabe-nos imaginar quais outras soluções seriam possíveis para tornar a performance de Márcia X. uma obra verdadeiramente acessível ao público contemporâneo.

21 VELLOSILLO, 2015: 111.
22 SÁ; LEMOS; MILFONT, 2013: 39.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Lauro. A Cadeira Careca/La Chaise Chauve ou A artista estava de negro. 2005. Disponível em: http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=4&sText=41. Acesso em: 17 maio 2019.

FURLANETO, Audrey. Retrospectiva de Márcia X marca doação do acervo da artista ao MAM. O GLOBO, Rio de Janeiro, 01 fev. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/retrospectiva-de-marcia-marca-doacao-do-acervo-da-artista-ao-mam-7456355>. Acesso em: 12 mar. 2019.

KRAUSS, Rosalind. **Corpus Delict** In: O Fotográfico. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. p. 171-204.

MARIA, Cleusa. A arte perde uma referência. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 04 fev. 2005. Caderno B, p. 6.

MATESCO, Viviane. **Corpo, ação e imagem**: consolidação da performance como questão. Revista Poiésis, n 20, p. 105-118, Dezembro de 2012. Disponível em: http://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/26901. Acesso em: 24 maio 2019.

MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MUSEU de Arte Moderna do Rio de Janeiro. [Dossiê expositivo do acervo de Márcia X.] MAM/RJ: 2012.

MUSEU de Arte Moderna do Rio de Janeiro. **Em polvorosa** (catálogo). Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. 2017. 140 p.

MUSEU de Arte Moderna do Rio de Janeiro. **Márcia X**. Rio de Janeiro: MAM/RJ. 2013.

OSÓRIO, Luiz Camillo. **Márcia X MAM: como guardar o efêmero?** In. MUSEU de Arte do Rio de Janeiro. Márcia X. Rio de Janeiro: MAM/RJ. 2013. p. 51-56. Disponível em: https://www.academia.edu/10232510/Marcia_X_no_MAM. Acesso em: 30 maio 2019.

PREZIOSI, Donald. **Collecting/Museums**. In. NELSON, Robert S.; SCHIFF, Richard (ed.) Critical terms for art history. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003.

SÁ, Alexandre; LEMOS, Beatriz; MILFONT, Denise. (org.) **Encontros X**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.

VELLOSILLO, Ariane Vanrell. **Projetos para desenvolver a participação do artista e entender e preservar a sua mensagem, experiências e resultados**. In. FREIRE, CRISTINA. ARTE CONTEMPORÂNEA: preservar o quê?. 1. ed. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da USP, 2015. v. 1. 196p.

X., Márcia. **Alviceleste**. 2003. Disponível em: http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=2&sObra=25. Acesso em: 30 maio 2019.

X., Márcia. **A Cadeira Careca/La Chaise Chauve**. 2004. Disponível em: http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=2&sObra=46. Acesso em: 22 mar. 2019.